

Goethe, Spengler e a morfologia da linguagem em Wittgenstein

Ribeiro, Nuno

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Ribeiro, N. (2017). Goethe, Spengler e a morfologia da linguagem em Wittgenstein. *Griot: Revista de Filosofia*, 15(1), 173-186. <https://doi.org/10.31977/grifi.v15i1.744>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer CC BY-NC Lizenz (Namensnennung-Nicht-kommerziell) zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den CC-Lizenzen finden Sie hier: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.de>


Terms of use:

This document is made available under a CC BY-NC Licence (Attribution-NonCommercial). For more information see: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>

GOETHE, SPENGLER E A MORFOLOGIA DA LINGUAGEM EM WITTGENSTEIN¹

Nuno Ribeiro²

Universidade de São Paulo (USP)

 <https://orcid.org/0000-0002-2118-8845>

RESUMO:

O presente artigo apresenta a importância da morfologia de Goethe e de Spengler para o desenvolvimento de uma morfologia da linguagem em Wittgenstein, após o seu retorno a Cambridge e à filosofia em 1929. Com efeito, de acordo com o testemunho de Norman Malcolm, presente em *Ludwig Wittgenstein: A memoir*, Wittgenstein afirma, no decurso das lições sobre a filosofia da psicologia, ocorridas entre 1946 e 1947, que aquilo que a sua filosofia procura fazer é fornecer a *morfologia do uso de uma expressão*. O desenvolvimento da *morfologia do uso de uma expressão* em Wittgenstein viria a ser o resultado de uma aplicação ao domínio da linguagem do conceito de morfologia aplicado por Goethe, nos seus escritos científicos, ao domínio da natureza e por Oswald Spengler ao campo da história universal, como se pode constatar na obra *A Decadência do Ocidente - Esboço de uma Morfologia da História Universal*, a qual se constitui como uma das fontes de acesso - por parte de Wittgenstein - a aspetos fundamentais da morfologia goethiana. Ao longo dos escritos de Wittgenstein encontramos inúmeras referências aos pensamentos de Goethe e de Spengler que nos possibilitam compreender até que ponto as obras desses dois pensadores se configuram como a base para a construção de uma morfologia da linguagem wittgensteiniana. Assim, tendo por base todos estes elementos, procuraremos elucidar até que ponto o método morfológico-filosófico de Wittgenstein, após 1929, se configura como a re-elaboração de aspetos fundamentais da tradição morfológica presente nas obras de Goethe e de Spengler.

PALAVRAS-CHAVE: Goethe; Spengler; Wittgenstein; Morfologia.

¹ Este trabalho foi realizado no âmbito de uma pesquisade pós-doutorado no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo – Brasil, com o apoio financeiro de uma bolsa PNPd/CAPES.

² Doutor em Filosofia pela Universidade Nova de Lisboa e pós-doutorando (PNPD/CAPES) no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo – Brasil.

GOETHE, SPENGLER AND THE MORPHOLOGY OF LANGUAGE IN WITTGENSTEIN

ABSTRACT:

This article presents the importance of Goethe's and Spengler's morphology for the development of a morphology of language in Wittgenstein's work, after his return to Cambridge and philosophy in 1929. In fact, according to Norman Malcolm's testimony, present in *Ludwig Wittgenstein: A memoir*, Wittgenstein says, in the course of his lectures about philosophical psychology, which took place between 1946 and 1947, that what his philosophy try to give is the *morphology of the use of an expression*. The development of a *morphology of the use of an expression* in Wittgenstein would become the result of the application to the domain of language of the concept of morphology applied by Goethe, in his scientific writings, to the domain of nature and by Oswald Spengler to the field of the universal history, as one sees in the work *The Decline of the West - Sketch of a Morphology of the History of the World*, which constitutes for Wittgenstein one of the sources to access fundamental aspects of Goethe's morphology. Throughout Wittgenstein's writings one finds several references to the thoughts of Goethe and Spengler which enable us to understand in what extent the works of these two thinkers constitute the basis for the construction of a wittgensteinian morphology of language. Thus, taking all these elements into consideration, we'll try to elucidate to what extent Wittgenstein's morphological-philosophical method after 1929 is the re-elaboration of fundamental aspects of the morphological tradition present in the works of Goethe and Spengler.

KEYWORDS: Goethe; Spengler; Wittgenstein; Morphology.

Os pensamentos de Goethe e de Spengler apresentam inúmeros elementos importantes para se compreender a gênese da morfologia da linguagem em Wittgenstein, após o retorno deste filósofo a Cambridge e à filosofia em 1929. Com efeito, num texto que terá resultado de uma intensa colaboração conjunta entre Wittgenstein e Waismann no início da década de 1930 e que foi encontrado no espólio de Waismann, após a morte deste autor em 1959, encontramos o seguinte indício da importância do pensamento goethiano para a morfologia das linguagem wittgensteiniana: "O que fazemos aqui, baseia-se de certa forma nos pontos de vista de Goethe sobre a metamorfose das plantas." (WITTGENSTEIN, WAISMANN, 2003, p.310) Este trecho que alude a um dos conceitos fundamentais do pensamento morfológico goethiano - a noção de metamorfose das plantas - constitui-se como uma evidência da importância

do pensamento de Goethe para a constituição do método morfológico de Wittgenstein após 1929.

No que respeita à importância de Spengler para o pensamento wittgensteiniano, lemos no conjunto de notas, presentes nos diários editados sob o título *Movimentos de Pensamento*, um trecho, escrito em 9 de Maio de 1930, que coloca Oswald Spengler, a par de Aldof Loos e Sigmund Freud, como pertencendo à mesma classe de pensadores que Wittgenstein. É precisamente isso que lemos na seguinte passagem do diário de Wittgenstein presente na edição intitulada *Movimentos de Pensamento*: "Loos, Spengler, Freud & eu [Wittgenstein] pertencemos todos à mesma classe que é característica deste tempo." (WITTGENSTEIN, 2003, p.36)

No que diz especificamente respeito à leitura do livro de Spengler *A Decadência do Ocidente - Esboço de uma Morfologia da História Universal*, o qual se constitui como uma das fontes de acesso - por parte de Wittgenstein - a alguns dos aspetos fundamentais da morfologia goethiana, lemos o seguinte trecho, com a data de 6 de Maio de 1930, também presente nas notas dos diários publicados na edição intitulada *Movimentos de Pensamento*:

Estou lendo a *Decadência* etc. de Spengler & encontro apesar de muitos detalhes irresponsáveis, *muitos* pensamentos importantes e significativos. Muitas coisas, talvez a maioria, ocupam-se inteiramente com o que eu próprio muitas vezes tenho pensado. A possibilidade de um grande número de sistemas fechados que uma vez que tenham sido examinados é como se um fosse a continuação do outro. (WITTGENSTEIN, 2003, p.24)

Com efeito, o livro *A Decadência do Ocidente* de Oswald Spengler tem como propósito a aplicação ao domínio da história universal dos princípios morfológicos presentes no pensamento goethiano, sendo, por isso, uma importante fonte por parte de Wittgenstein para o conhecimento da morfologia de Goethe. Num capítulo intitulado "O Método de Goethe - o Único Método Histórico" de *A Decadência do Ocidente* de Spengler, lemos o seguinte trecho sobre a influência do método morfológico de Goethe para a constituição da morfologia da história universal:

E assim como Goethe acompanhava a evolução da forma vegetal a partir da folha, tanto como a origem do tipo vertebrado e a gênese das camadas geológicas - o destino da Natureza, não a sua causalidade - explanaremos nesta obra a linguagem das formas da história humana, sua estrutura periódica e sua lógica orgânica, à base da multiplicidade de pormenores perceptíveis. (SPENGLER, 2014, p.20)

Ainda relativamente à importância do pensamento de Spengler para o desenvolvimento da filosofia wittgensteiniana, após o retorno a

Cambridge, encontramos a seguinte observação, redigida em 1931, onde Wittgenstein refere o nome de Spengler no contexto da enumeração da lista de autores que mais o influenciaram:

Existe, creio, alguma verdade quando considero que eu sou, no meu pensamento, apenas reprodutivo. Creio que nunca *inventei* um movimento de pensamento, mas antes que me foi sempre dado por outra pessoa e que eu apenas o tomei imediatamente, de um modo apaixonado, para o meu trabalho de clarificação. Assim me influenciaram Boltzman Hertz Schopenhauer Frege, Russell, Kraus, Loos Weininger Spengler, Sraffa. Poderemos considerar Breuer e Freud como exemplos de reprodutividade judaica? – O que eu crio são novas *comparações*. (WITTGENSTEIN, 1998, p.16)

Nesta observação Wittgenstein põe em destaque o caráter reprodutivo da sua forma de pensar, afirmando que a originalidade do seu pensamento consiste não na produção de novos movimentos de pensamento, mas antes na criação de novas *comparações*. Com efeito, o método morfológico de Wittgenstein constitui-se, por comparação, como uma transposição para o domínio da filosofia da linguagem do método que é aplicado por Goethe ao domínio da ciência da natureza e por Spengler ao campo da história universal. No entanto, para se compreender de que forma Wittgenstein chega a constituir uma morfologia da linguagem, é necessário ter em consideração a caracterização que este autor nos apresenta do seu método morfológico.

Uma importante pista para se compreender a morfologia da linguagem wittgensteiniana é-nos fornecida por Norman Malcolm, no seu livro *Ludwig Wittgenstein: A Memoir*, que contém apontamentos tirados no contexto das lições sobre filosofia da psicologia ministradas por Wittgenstein entre 1946 e 1947. De acordo com Malcolm, Wittgenstein, no decurso das suas lições sobre filosofia da psicologia, deixa-nos a seguinte indicação a respeito do seu método morfológico:

O que eu faço é a morfologia do uso de uma expressão. Eu mostro que ela tem usos com os quais vocês nunca sonharam. Em filosofia sentimo-nos forçados a olhar para um conceito de um certo modo. O que eu faço é sugerir, ou mesmo inventar, outros modos de olhar para ele. Eu sugiro possibilidades nas quais vocês não haviam previamente pensado. Pensavam que havia apenas uma possibilidade ou duas no máximo. Mas eu faço-vos pensar noutras. Além disso, faço-vos ver que era absurdo esperar que o conceito se conformasse a essas possibilidades restritas. Assim, a vossa câibra mental é aliviada e tem-se liberdade para examinar o campo de uso de uma expressão e para descrever os seus diferentes usos. (MALCOLM, 2001, p.43)

Neste testemunho de Norman Malcolm relativo às lições de filosofia da psicologia de Wittgenstein entre 1946 e 1947 encontramos a elucidação da importância da morfologia para o desenvolvimento do método filosófico wittgensteiniano após o seu retorno a Cambridge. De acordo com este texto, Wittgenstein apresenta a explícita afirmação de que aquilo que a sua filosofia procura fazer é a morfologia do uso de uma expressão e de que, para esse efeito, é necessário sugerir e inclusivamente inventar outros modos de olhar para um conceito. A invenção de outros modos de olhar para um conceito tem subjacente a concomitante constituição de uma plasticidade do olhar de que nos fala Goethe a respeito do modo de observar morfológico implícito à investigação da natureza. Lemos justamente a esse respeito a seguinte passagem de um apontamento solto destinado a notas:

Em todos os casos, o investigador atento tem de observar-se a si próprio e esforçar-se por se mostrar tão plástico no seu modo de ver como lhe aparecem plásticos os órgãos que ele vê, a fim de, em nenhum lado, se petrificar rudemente num modo de explicação qualquer e procurar, antes, escolher em cada caso o mais adequado dos olhares, o mais análogo possível ao acto de intuir. (GOETHE, 1993a, p.61)

De acordo com este texto de Goethe, a plasticidade do olhar implícita à investigação morfológica da natureza visa evitar a petrificação num único modo de explicar e, por conseguinte, de olhar para as sucessivas formas dos fenómenos naturais. Com efeito, a exigência de uma plasticidade do olhar como condição da observação morfológica dos objetos naturais assenta no pressuposto subjacente à definição que Goethe nos apresenta da morfologia, de acordo com o qual as formas da natureza se encontram em permanente movimento. Lemos nesse sentido a seguinte definição que Goethe nos apresenta da morfologia:

Morfologia [:] Reside na convicção de que tudo o que existe se deve também indicar e mostrar por si próprio. Desde os primeiros elementos físicos e químicos, até à exteriorização anímica dos homens afirmamos que este princípio é válido. Voltamo-nos logo para aquilo que tem forma. O inorgânico, o vegetativo, o animal, o humano todo se indica a si próprio, aparece tal como é ao nosso sentido externo e interno. A forma é algo em movimento, algo em devir, algo em passagem. A doutrina da forma é a doutrina da transformação. A doutrina da metamorfose é a chave para todos os sinais da natureza. (GOETHE, 1987, p.349)

Neste texto encontramos dois elementos importantes para a caracterização da morfologia goethiana. O primeiro elemento diz respeito à ideia de que tudo o que existe se mostra por si próprio e de que, por conseguinte, não existe algo escondido por detrás dos fenómenos. O

segundo elemento diz respeito à idéia de que forma é algo em movimento, em devir e em transformação e que, nesse sentido, a compreensão de um determinado fenômeno implica a compreensão não só das diversas modificações desse mesmo fenômeno, isto é, as sucessivas formas que ele vai assumindo ao longo das suas progressivas transformações, mas também das múltiplas conexões de um fenômeno com os demais fenômenos com os quais se encontra em relação. Lemos precisamente nesse sentido a seguinte passagem do texto *O Experimento como Mediador entre Objeto e Sujeito*:

Vimos acima que aqueles que estavam primeiramente sujeitos a erro eram os que procuravam ligar um fato isolado à sua capacidade de pensar e de julgar. Em contrapartida, descobriremos que os melhores resultados foram obtidos por aqueles que não deixaram de investigar e de elaborar todos os ângulos e modificações de uma única experiência, de um único experimento, segundo toda a sua potência.

Porque tudo na natureza, em especial as forças e elementos mais gerais estão numa eterna ação e reação, pode, então, dizer-se de cada fenômeno que ele se encontra em conexão com inúmeros outros, do mesmo modo que dizemos de um ponto luminoso pairando livremente que ele envia seus raios para todas as direções. (GOETHE, 1989, pp.690-691)

A ideia de que todos os objetos da natureza estão em movimento e de que o estudo dos diversos fenômenos implica a apreensão das progressivas transformações da forma de um fenômeno viria a estar na origem na concepção goethiana segundo a qual o estudo da morfologia incide não sobre a forma (Gestalt), enquanto algo petrificado, mas antes sobre a formação (Bildung), enquanto a compreensão da conexão entre as progressivas modificações que as formas vão assumindo. Lemos nesse sentido a seguinte passagem do texto *O Autor Apresenta o seu Propósito*:

O Alemão tem para o conjunto da existência de um ser real a palavra 'forma' [Gestalt]. Com este termo ele abstrai do que está em movimento, admite que uma coisa consistente nos seus elementos seja identificada, fechada e fixada no seu carácter.

Mas se considerarmos todas as formas, em particular as orgânicas, descobrimos que não existe nenhuma coisa subsistente, nenhuma coisa parada, nenhuma coisa acabada, antes que tudo oscila num movimento incessante. A nossa língua costuma servir-se, e com razão, da palavra 'formação' [Bildung] para designar tanto o que é produzido como o que está em vias de o ser.

Portanto, se quisermos introduzir uma Morfologia não devemos falar de forma: se, pelo contrário, usarmos a palavra, então temos de tomá-la em qualquer dos casos apenas como ideia, como conceito ou uma coisa que foi identificada na experiência unicamente por um instante. (GOETHE, 1993a, pp.68-69)

Assim, tendo em consideração todos os elementos apresentados, o pensamento de Wittgenstein viria a reapropriar-se dos dois elementos supra-mencionados presentes na caracterização goethiana do método morfológico: primeiro, que tudo o que existe se mostra por si próprio, sendo, portanto, que não existe algo escondido por detrás dos fenômenos; segundo, que tudo se encontra em movimento e que, por conseguinte, a compreensão de um determinado fenômeno implica a compreensão das diversas modificações desse mesmo fenômeno, assim como das múltiplas conexões de um fenômeno com os demais fenômenos.

O primeiro princípio morfológico presente no pensamento wittgensteiniano e do qual o filósofo austríaco se viria a reapropriar para a construção do seu método filosófico após 1929 - isto é, o princípio de que tudo se mostra por si e que, portanto, não existe algo escondido - encontra-se expresso numa reflexão de Goethe citada pelo próprio Wittgenstein na observação 889 do primeiro volume das *Observações sobre a Filosofia da Psicologia*, onde se lê: "Não procuremos nada atrás dos fenômenos; eles próprios são a doutrina. (Goethe)". (WITTGENSTEIN, 1980, p.157) Em *A Decadência do Ocidente* de Spengler, que terá sido uma das fontes fundamentais para o conhecimento desse princípio por parte de Wittgenstein, encontramos a explícita menção aos fundamentos subjacentes ao princípio segundo o qual nada devemos procurar atrás dos fenômenos. Com efeito, no capítulo intitulado "Existe, pois, uma Ciência da História?" de *A Decadência do Ocidente*, lemos a respeito desse princípio:

Será lícito apanhar um grupo qualquer de fatos de natureza social, religiosa, fisiológica, ética e considerá-lo como a causa do outro? A historiografia, e mais ainda a sociologia atual, fazem, no fundo, apenas isso. Mas, para o homem civilizado, o objetivo racional consiste sempre no aprofundamento. Goethe disse certa vez: "Não procuremos nada atrás dos fenômenos! Eles próprios são a doutrina." (SPENGLER, 2014, p.82)

O princípio de Goethe segundo o qual nada se deve procurar atrás dos fenômenos, referido também por Spengler em *A Decadência do Ocidente*, encontra expressão na observação 126 das *Investigações Filosóficas* onde lemos: "A filosofia, com efeito, apenas põe todas as coisas diante de nós e nada explica ou deduz. – Como tudo está à vista, nada existe para explicar. Porque o que, porventura, estiver escondido, não nos interessa." (WITTGENSTEIN 2009, p.55)

No livro *O Pensamento Morfológico de Goethe*, Maria Filomena Molder apresenta-nos, na sequência de um comentário ao estudo de Joachim Schulte intitulado *Chor Und Gesetz: Wittgenstein im Kontext*,³ importantes

³ Cf.: SCHULTE, 1990. No livro *Chor und Gesetz – Wittgenstein im Kontext* de Joachim Schulte, revela-se como particularmente importante para o estudo da relação ente

indícios para a compreensão da re-apropriação do princípio segundo o qual nada se deve procurar atrás dos fenômenos por parte de Wittgenstein, como se pode verificar pelo seguinte trecho dessa obra de Molder:

Como diz Schulte, Goethe e Wittgenstein apenas queriam tornar visível o que estava sob o seu olhar: «O essencial de toda a investigação é, antes, o facto de com ela não queremos aprender nada de novo. Queremos compreender qualquer coisa que já está diante dos olhos. Porque é precisamente isto que parece, em todo o caso, não se compreender.» Este modo de anunciar a dificuldade própria do visível, que procede do prodigioso nascimento de uma forma a partir de outra encontra-se, em escorço, intocável, numa das *Xenien: Was ist das Schwerste von allem? Was dir das Leichteste dünkt:/Mit dem Augen zu sehen, was vor den Augen liegt.* [O que é o mais difícil de tudo? O que te parece o mais fácil/ Ver com os olhos o que está diante do olhos.] Encontramos também nas *Vermischte Bemerkungen* alguns fragmentos que parecem citar imediatamente estes versos de Goethe: [...] «Wie schwer fällt mir zu sehen was vor meinen Augen liegt» ([1940], p.79) ["Como me parece difícil ver o que está diante dos meus olhos."]: «Möge Gott dem Philosophen Einsicht geben in das, was vor allen Augen liegt» ([1947], p.123:). ["Queira Deus dar ao filósofo o discernimento daquilo que está diante dos olhos de todos."] (MOLDER, 1995, p.189)

Este trecho de *O Pensamento Morfológico de Goethe* de Maria Filomena Molder sublinha dois aspectos importantes do confronto entre o pensamento de Goethe e de Wittgenstein a respeito do princípio de que as coisas se mostram por si e de que não existe algo escondido: primeiro, a circunstância de que tudo aquilo que buscamos se encontrar já diante dos olhos; segundo, a dificuldade em ver exatamente o que se mostra ao olhar. A esse respeito encontramos também a seguinte afirmação de Wittgenstein presente na observação 129 das *Investigações Filosóficas*: "Os aspectos das coisas mais importantes para nós encontram-se escondidos pela sua simplicidade e vulgaridade. (Não conseguimos notá-los - porque os temos sempre diante dos olhos.) (WITTGENSTEIN, 2009, p.56)

O método morfológico consiste, deste modo, em restituir ao olhar aquilo que se encontra diante dos olhos, sem querer procurar explicações para lá daquilo que se apresenta diante dos olhos. Conforme nos diz Wittgenstein na observação 654 das *Investigações Filosóficas*: "O nosso erro consiste em buscar uma explicação aí onde deveríamos ver os fatos

Wittgenstein e Goethe, o primeiro capítulo dessa obra intitulado "Chor und Gesetz. Zur »morphologischen Methode« bei Goethe und Wittgenstein" (cf.: SCHULTE, 1990, 11-42.)

como 'fenômenos originários'. Isto é, onde deveríamos dizer: *este jogo de linguagem é jogado.*" (WITTGENSTEIN, 2009, p.175)⁴

O segundo princípio morfológico goethiano que viria a estar na base da consolidação do método da morfologia da linguagem de Wittgenstein, após 1929, consiste, conforme esclarecemos, na afirmação de que tudo se encontra em movimento e que, por conseguinte, a compreensão de um determinado fenômeno implica a compreensão das diversas modificações desse mesmo fenômeno, assim como das múltiplas conexões de um fenômeno com os demais fenômenos, as quais, como teremos a oportunidade de explicar em maior detalhe, são apreendidas por meio das diversas analogias entre os múltiplos fenômenos. Para além do texto *O Experimento como Mediador entre Objeto e Sujeito* acima citado, encontramos este segundo princípio morfológico expresso, por exemplo, num texto das *Máximas e Reflexões* de Goethe onde lemos: "Nenhum fenômeno se esclarece em si e a partir de si mesmo; somente muitos observados conjuntamente, ordenados metodicamente, nos podem por fim dar algo que possa valer como teoria." (GOETHE, 1993b, p.227) Noutro texto das *Máximas e Reflexões* de Goethe lemos também nesse sentido: "Um fenômeno, um experimento nada consegue provar, ele é um elo de uma grande cadeia, que só tem valor em conexão." (GOETHE, 1993b, p.17) A respeito deste princípio lê-se igualmente noutro texto das *Máximas e Reflexões*: "A teoria em si e por si em nada é útil, a não ser na medida em que nos faz crer na conexão dos fenômenos." (GOETHE, 1993b, p.44)

A importância das analogias para o princípio segundo o qual um certo fenômeno depende das diversas interconexões entre as realidades tidas sobre consideração é referido por Spengler explicitamente na "Introdução" ao livro *A Decadência do Ocidente*, onde se lê a seguinte passagem a propósito da história como o estudo das formas vivas: "O meio pelo qual reconhecemos as formas vivas é a analogia." (SPENGLER, 2014, p.2) Com efeito, o papel da analogia para a constatação das diversas conexões entre diferentes fenômenos tidos sob consideração viria a assumir um papel de especial importância no contexto da morfologia da linguagem wittgensteiniana. A análise de Wittgenstein a respeito das diversas conexões entre os fenômenos é feita, tal como no caso de Goethe, tendo por base a idéia de que tudo está em movimento, conforme se pode verificar numa observação, com a data de 13 de Dezembro de 1930 e publicada em *Cultura e Valor*, onde o autor austríaco escreve sobre a sua dificuldade a respeito de como começar a um livro:

⁴ A respeito da comparação entre a noção de "fenômeno originário" ("Urphänomen") referido na observação 654 das investigações filosóficas e a noção de "fenômeno originário" em Goethe remetemos para o livro *Wittgenstein e os Limites da Linguagem* de Pierre Hadot (cf.: HADOT, 2014) que nos fornece importantes pistas a respeito desta temática, em particular na terceira e quarta seções desse livro (respectivamente, "Wittgenstein, filósofo da linguagem - II" e "Jogos de linguagem e filosofia").

Se eu não sei exatamente como começar um livro, isso deve-se ao fato de que algo ainda não está claro. Porque gostaria de começar com os dados da filosofia, com frases escritas e ditas, como as que começam os livros.

E aqui confrontamo-nos com a dificuldade do «tudo flui». E talvez deva precisamente começar com isto. (WITTGENSTEIN, 1998, p.11)

Retornando à questão das analogias, o princípio de acordo com o qual a compreensão de um fenômeno depende de múltiplas interconexões através das analogias que um fenômeno estabelece com outros fenômenos viria a encontrar expressão na observação 950 da primeira parte das *Observações Sobre a Filosofia da Psicologia* de Wittgenstein, que se constitui como um importante indício de que autor austríaco estava ciente desse princípio do pensamento goethiano referido por Spengler, como se pode verificar na seguinte passagem onde aparece a explícita referência a Goethe e implícita aos princípios goethianos presentes na obra *A Metamorfose das Plantas*:

O que é que, no entanto, uma investigação conceptual faz? É ela [uma investigação] da história natural dos conceitos humanos? - Ora, a história natural descreve, dizemos nós, plantas e animais. Mas não poderia acontecer que as plantas tivessem sido descritas em todas as suas particularidades e que só agora alguém pudesse chegar a ver as analogias na sua estrutura que nunca antes tinham sido vistas? Que ele estabelecesse, desse modo, uma nova ordem nessas descrições. Ele diz, por exemplo: “Não comparem esta parte com esta; antes com aquela.” (Goethe queria fazer algo assim.) E com isso ele não fala necessariamente de *derivação*; mas, ainda assim, o novo arranjo poderia dar uma nova direção à investigação científica. Ele diz: “Olha isto *assim!*” - e isto pode ter afinal vantagens e conseqüências de diferentes tipos. (WITTGENSTEIN, 1980, pp.167-168)

A afirmação presente no princípio morfológico de que nenhum fenômeno se esclarece por si só isoladamente e que, por esse motivo, um determinado fenômeno depende da elucidação das diversas interconexões que esse fenômeno estabelece com outros fenômenos viria a encontrar reflexo na noção de “representação perspícua” (“*übersichtliche Darstellung*”) desenvolvida por Wittgenstein. É justamente isso que se encontra expresso no texto das *Observações sobre o Ramo Dourado de Frazer*, onde Wittgenstein apresenta uma descrição do conceito de “representação perspícua”, acompanhada de uma referência explícita ao nome de Spengler e implícita ao livro *A Decadência do Ocidente – Esboço de uma Morfologia da História Universal*, como se pode verificar na seguinte passagem:

O conceito de representação perspícua é para nós de fundamental importância. Ele indica a nossa forma de representação, o modo como nós vemos as coisas. (Uma forma de 'mundividência', como parece aparentemente típico do nosso tempo. Spengler.)

Esta representação perspícua proporciona a compreensão que consiste precisamente em "vermos conexões". Daí a importância de encontrar os termos intermediários.

Um elo intermediário hipotético poderia, porém, neste caso fazer não mais do que direcionar a nossa atenção para uma semelhança, uma conexão, dos *fatós*. (WITTGENSTEIN, 1993, p.133)

Que Wittgenstein tinha presente o pensamento goethiano ao enunciar o conceito de representação perspícua nas *Observações sobre o Ramo Dourado de Frazer* torna-se evidente se tivermos em consideração que o autor austríaco, no parágrafo imediatamente anterior àquele em que menciona o nome de Spengler, refere um verso de um poema de Goethe intitulado "A metamorfose das plantas", poema esse que pretendia enunciar poeticamente os princípios presentes no pensamento morfológico goethiano desenvolvidos no ensaio publicado por Goethe em 1790 também intitulado *A Metamorfose das Plantas*.⁵ Lemos precisamente no parágrafo de Wittgenstein das *Observações sobre o Ramo Dourado de Frazer* a seguinte passagem que começa com a citação de um verso de Goethe do poema "A metamorfose das plantas":

"E assim aponta o coro uma lei secreta" gostaríamos de dizer à coleção de fatos frazeriana. Esta lei, esta idéia, *posso* apenas representar através de uma hipótese evolutiva ou, de modo análogo ao esquema de uma planta, através do esquema de uma cerimônia religiosa ou ainda apenas através do agrupamento de fatos materiais, numa representação "perspícua". (WITTGENSTEIN, 1993, p.132)

A importância do pensamento goethiano para a constituição da noção de representação perspícua é-nos explicitamente confirmada pela seqüência do trecho citado no início do presente texto, o qual, conforme assinalamos, terá resultando de uma colaboração conjunta entre Wittgenstein e Waismann e que foi encontrado entre os escritos do espólio de Waismann. Com efeito, lemos no seguimento desse trecho:

⁵ Para uma análise das vicissitudes ligadas à publicação e importância histórica de *A Metamorfose das Plantas* de Goethe remetemos para o estudo de Maria Filomena Molder presente na "Introdução" à tradução portuguesa desse texto (cf.: GOETHE 1993a, 9-29), bem como para o livro também de Molder intitulado *O Pensamento Morfológico de Goethe* (MOLDER 1995).

De Goethe surgiu a concepção da 'planta originária', porém ele viu nela apenas uma idéia, não algo de real. Qual é, então, o problema resolvido por esta idéia? *O problema da representação perspicua*. A frase de Goethe 'Todos os órgão das plantas são folhas transformadas' dá-nos um esquema para agruparmos os órgão da planta de acordo com o seu grau de semelhança, como que em torno de um centro. Vemos como a forma da própria folha se diferencia: do cotilédone e da folha primitiva transforma-se, por um processo de formação gradual, na folha verde, daí por transformações subtis em sépalas e, então, em órgãos que são metade folha metade pétala ou metade pétala metade estame e assim por diante. Nós vemos a folha, por assim dizer, no seu ambiente circundante natural de formas. Neste sentido não vemos a planta originária, mas antes o que se denomina de evidência da planta originária ou evidência de hipótese de desenvolvimento. E é efetivamente também isto que nós fazemos: situamos as formas lingüísticas no seu ambiente circundante, vemos a gramática da nossa linguagem sob o pano de fundo de jogos similares e aparentados e isso elimina a inquietação. (WITTGENSTEIN, WAISMANN, 2003, p.310)

Assim, todos os elementos apresentados levam-nos a considerar que o estudo das ressonâncias dos pensamentos de Goethe e de Spengler na obra de Wittgenstein constitui-se como um dado fundamental para a compreensão do desenvolvimento de uma morfologia da linguagem no pensamento filosófico wittgensteiniano após 1929, bem como para a elucidação da gênese de alguns dos mais importantes conceitos da filosofia do autor austríaco.

Referências bibliográficas:

GOETHE, Johann. *A Metamorfose das Plantas*. Tradução, introdução, notas e apêndices de Maria Filomena Molder. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993a.

_____. *Schriften zur Morphologie*. Herausgegeben von Dorothea Kuhn. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 1987.

_____. *Sprüche in Prosa*. Herausgegeben von Harald Fricke. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 1993b.

_____. *Zur Naturwissenschaft überhaupt, besonders zur Morphologie Erfahrung, Betrachtung, Folgerung, durch Lebensereignisse verbunden*. Herausgegeben von Hans J. Becker, Gerhard H. Müller, John Neubauer und Peter Schmidt. München: Carl Hanser Verlag, 1989.

HADOT, Pierre. *Wittgenstein e os Limites da Linguagem*. Tradução de Flávio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

MALCOLM, Norman. *Ludwig Wittgenstein: A memoir*. With a Biographical Sketch by G. H. von Wright, second edition with Wittgenstein's letters to Malcolm. Oxford: Clarendon Press, 2001.

MOLDER, Maria Filomena. *O pensamento morfológico de Goethe*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1995.

SCHULTE, Joachim. *Chor und Gesetz – Wittgenstein im Kontext*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1990.

SPENGLER, Oswald. *A Decadência do Ocidente - Esboço de uma morfologia da História Univeral*. Tradução de Herbert Caro. Grupo Editorial Nacional: Rio de Janeiro, 2014.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Culture and Value/Vermischte Bemerkungen*. Edited by G.H. Von Wright in collaboration with Heikki Nyman, revised edition of the text Alois Pichler, translated by Peter Winch. Oxford: Blackwell, 1998.

_____. *Philosophical Investigations/Philosophische Untersuchungen*. Revised 4th ed. P.M. Hacker and Joachim Schulte, tr. G. E. M. Anscombe, P. M. S. Hacker and Joachim Schulte. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

_____. *Philosophical Occasions: 1912-1951*. Edited by James C. Klagge and Alfred Nordman. Indianapolis & Cambridge: Hackett, 1993.

_____. *Public and Private Occasions*. Edited by James C. Klagge and Alfred Norman. Lanham / Boulder / New York / Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, 2003.

_____. *Remarks on the Philosophy of Psychology/Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, Vol. I. Edited by G. E. M. Anscombe and G.H. Von Wright, translated by G. E. M. Anscombe. Oxford: Basil Blackwell, 1980.

WITTGENSTEIN, Ludwig, WAISMANN, Friedrich. *The Voices of Wittgenstein: The Vienna Circle*. Original German texts and English

translations transcribed. Edited and with an introduction by Gordon Baker and translated by Gordon Baker, Michael Mackert, John Connolly and Vasilis Politis. London/ New Yor: Routledge, 2003.